

A ALFABETIZAÇÃO É OU NÃO, UM PROCESSO QUE COMEÇA NA PRIMEIRA INFÂNCIA?

PATRÍCIA CILENE VIEGAS PEREIRA SILVA¹

RESUMO

Este artigo trata de um recorte da dissertação de mestrado que concluímos no início de 2022, a qual conseguimos constatar a efetivação do período pré-silábico através de uma prática pedagógica interdisciplinar na educação infantil, no período de creche, de modo a compreender que a teoria da psicogênese da língua escrita é vivenciada na primeira etapa da educação básica e antes da idade pré-escolar. A metodologia dessa pesquisa se caracteriza de uma pesquisa-ação, mediante uma educação metacognitivista, a qual executamos uma ação pedagógica de constante análise e observação, para além da ação. Durante todo processo de pesquisa dialogamos com Ferreiro e Teberosky (1999) e Luquet apud Pillar (2012), como autoras principais dessa pesquisa, cujo objetivo foi compreender as etapas do desenho no processo de alfabetização e suas contribuições no período pré-silábico.

Palavras-chave: Educação Infantil, Desenho, Alfabetização, Pré-Silábico.

1 Mestre em Ciências da Educação. Faculdade CECAP/Pólo Ceará-Mirim-RN, Especialista em Docência na Educação Infantil- UFRN- Universidade do Rio Grande do Norte/ Nei-Cap. Especialista em Educação Especial e Inclusiva e Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica. FAVENI/ ES. patriciacvps@gmail.com
Lattes autora: <http://lattes.cnpq.br/7349700901978174>

INTRODUÇÃO

A Base Nacional Comum Curricular, traz no documento normativo, campos de experiências que indicam pontos estratégicos para observações e vivências interativas que mostram a evolução cognitiva da criança, apontado por dois eixos estruturantes que é a brincadeira e a interação, desta forma, esclarece que o brincar na educação infantil não se trata de momentos livres que a criança fica sem direcionamento do mais experiente, pois essa ação é inerente a vivência inicial que o sujeito tem com o meio.

O brincar na educação infantil não desaparece, mas é foco norteador da ação pedagógica para explicitar que a ludicidade deve fazer parte da didática pedagógica, pelo envolvimento afetivo, sentimental e emocional que a primeira infância requer na construção da aprendizagem e na evolução do desenvolvimento.

Na BNCC, que é o mais atual documento da educação básica, se refere a educação infantil como a primeira etapa da educação básica e aponta para cada etapa de desenvolvimento cognitivo as habilidades que a criança deve adquirir de acordo com a faixa etária, mas isso não quer dizer que a criança não possa desenvolver certas habilidades antes do período indicado. Mas, podemos apontar que cada campo de experiência, o professor é direcionado para as respectivas habilidades e competências através dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento.

Na psicogênese da língua escrita, no período pré-silábico, a criança pequena demonstra na sua escrita garatujas e rabiscos, que iniciam sem sentido e evoluem para uma compreensão e um grafismo com sentido, de modo a conceber a primeira etapa do desenho realista apontado na teoria de Luquet apud Pillar (2012), a qual podemos relacionar com o processo psicogenético que ocorre nesse primeiro período da alfabetização apresentado por Ferreiro e Teberosky(1999).

O artigo mostra a relação existente entre as etapas do desenho realista e o período pré-silábico, na efetivação inicial do processo de alfabetização na primeira infância, de modo que a BNCC, de maneira implícita mostra a relevância de uma educação cognitiva e interdisciplinar, onde a aprendizagem tem um percurso mais significativo e eficiente. No entanto, normatizar a alfabetização desde a creche é uma conquista que precisamos buscar e evidenciar através das pesquisas

científicas, para abrir possibilidades de realmente termos a garantia de uma educação para todos e de qualidade.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa se constitui numa pesquisa-ação, de modo que na ação pedagógica realizamos autoreflexão, em busca de está em constante resolução de problemas existentes na prática pedagógica, de modo que buscávamos superar cada etapa do desenvolvimento cognitivo por meio da aprendizagem adquirida.

Os caminhos metodológicos que utilizamos se deu numa visão de educação metacognitivista e interdisciplinar, que permite uma prática pedagógica voltada no crescimento evolutivo e integral da criança pequena, respeitando as especificidades e que contribui para uma educação protagonista e cidadã.

As técnicas de pesquisa se deu de forma qualitativa compreendendo as informações apresentadas na prática pedagógica, fazendo relação com as teorias estudadas que serviram como foco a ser alcançado por meio das atividades ministradas com as crianças. E nos resultados apontaremos algumas intervenções pedagógicas que nos ajudaram a alcançar as metas desejadas, comprovando assim as condições de se obter uma educação de qualidade e verdadeiramente inclusiva.

REFERENCIAL TEÓRICO

A evolução do grafismo na constituição da fase pré-silábica da teoria psicogenética é a chegada do Realismo fortuito, no qual a criança passa pelo desenho involuntário e pelo desenho voluntário, em que as representações involuntárias, são os traços sem pretensão de construir imagem, devido à criança não ter consciência de que as linhas podem representar objetos, grafia conhecida como garatujas; ainda nessa etapa de desenvolvimento, porém com maior evolução, temos o desenho voluntário, em que o sujeito inicia interpretando depois de criar o desenho. Em seguida, evolui ainda mais seu desenvolvimento mental, no qual constrói a intenção prévia e mantém a interpretação, e assim consolida a consciência de que pode representar, por meio do desenho, tudo que deseja ao pensar.

Os períodos apresentados pela teoria psicogenética de Ferreiro, são: o pré-silábico, silábico- alfabético e alfabético. E, como a autora mesmo afirma, a língua escrita passa a ser objeto de cultura antes mesmo da criança ter ingressado na escola, então, estimular a aprendizagem ainda no período de creche não é aligeirar o processo de aprendizagem e nem do desenvolvimento, é considerar a criança como sujeito imerso na cultura desde seu nascimento. Passamos, então, a objetivar a efetivação do período pré-silábico que é marcada pela aprendizagem em que as crianças procuram os critérios que lhes permitam diferenciar os dois modos básico de representação gráfica: o desenho e a escrita.

Considerando a inserção da criança em ambiente escolar, o processo de alfabetização tem maior possibilidade de ser avaliado/ observado e, assim, estabelecido pelos padrões da compreensão linguística. E, pensando nessa provocação de conhecimento, observamos nesta pesquisa a aprendizagem da linguagem oral e escrita, para além do desenho de si mesmo, com exposição de seus próprios nomes escritos, referenciando inicialmente a primeira letra do seu nome, em que as atividades buscam envolver o nome da criança, as referências familiares, o contexto escolar e outras práticas sociais.

Ferreiro enfatiza em sua obra a notoriedade do nome próprio. Isso se deve à relevância que tem o reconhecimento do sujeito no ambiente social, em que seu nome muitas vezes é desconhecido pelo próprio sujeito ao iniciar a educação infantil. Por isso, podemos afirmar hipoteticamente que pode ser um dos fatores que leva ao não conhecimento de si e do outro, pois podemos visualizar melhor quando o nome da criança difere do nome que o pai ou a mãe profere ao chamá-lo. Percebemos, então, um indivíduo confuso, com o olhar atônico, pois além de estar num ambiente ainda desconhecido, que é a escola, o professor o chama por um nome o qual o mesmo não se identifica.

Esse é um dos momentos cruciais para construir uma parceria entre família e escola, pois é preciso conscientizar a proeminência do nome aos pais da criança, para que ela comece a fazer relação de segurança, confiança, pelo fato de compreender que família e escola falam seu nome da mesma maneira. A construção da identidade nesse momento inicial é primordial para o desenvolvimento de outras aprendizagens. Reconhecer a si mesmo é conhecer o outro e isso é fundamental nesse processo.

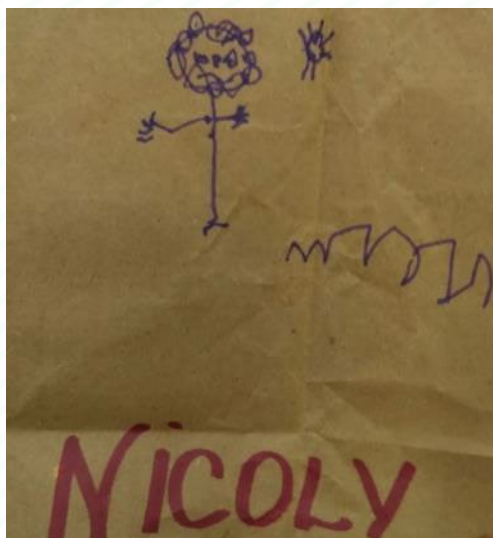


Figura 1 – Representação do eu na diferenciação do desenho e da escrita

Fonte: autora (2018)

Na atividade ilustrada acima, na figura 1, entregue apenas com o nome da criança, solicitamos a ela que desenhasse a si mesma e colocasse o seu nome. Podemos perceber junto a sua grafia que a criança fez sua imagem e, achando que faltava algo que representasse lugar, espaço, desenhou o sol e logo abaixo escreveu seu nome, demonstrando compreensão entre a sua figura corpo/imagem e o seu nome, mesmo que escrito de forma não convencional, mas deu sentido a sua escrita.

E diante dessa atividade, o mais curioso é que, mesmo tendo o seu nome indicado na folha, mostra ter um entendimento subjetivo entre o desenho e a escrita, e ainda não reconhece nenhuma letra do alfabeto como parte do seu nome pelo fato de não mostrar nenhuma tentativa de escrita convencional, mas se utiliza de garatujas(zigue-zague), para representar seu nome.

Nessa aprendizagem citada pela figura 1, ao analisar a ZDP, podemos constatar que a criança consegue identificar seu corpo como parte pertencente de si, estabelecendo uma relação diferente entre o desenho e o seu nome. Isso faz parte do desenvolvimento real do sujeito e, como meta e de acordo com essas informações, buscaremos atingir o desenvolvimento potencial. Vemos que ela não estabeleceu nenhuma relação com a escrita convencional, então é a partir desse

ponto que devemos fazer as intervenções estratégicas para que consigamos uma melhor compreensão e uso da escrita alfabética.

Na escrita como sistema de representação, a aprendizagem acontece com sentido, com significado. No entanto, segundo Ferreiro e Teberosky (2001, p.12) “no caso da criação de uma representação, nem elementos, nem as relações estão predeterminadas”. E, mediada por um sistema de escrita enquanto objeto conceitual, a criança mostra ter ou estar encontrando o conceito de desenho e escrita, já que ela identifica, como sendo seu nome, garatujas de linhas ondulares sequenciais e contínuas, que ambas autoras identificam como as primeiras escritas infantis, do ponto de vista gráfico.

O desenho ilustrado pela criança na figura 1 acima, corresponde a uma atividade que possibilita a averiguação da compreensão da criança acerca do que é representação icônica e não icônica, que segundo Ferreiro e Teberosky (2011, p.22), é neste “primeiro período que se conseguem as duas distinções básicas que sustentarão as construções subsequentes: a diferenciação entre as marcas gráficas figurativas e as não figurativas, por um lado, e a constituição da escrita como objeto substituto, por outros”.

Nessa e em outras atividades, como as que realizamos nas segundas-feiras, “o desenho do final de semana da criança”, a escrita varia em torno dos contextos que envolviam a criança nos diversos temas trabalhados em sala de aula, com ênfase no seu crescimento humano, na natureza, em ambientes sociais, referências de vivências em matemática e a construção da consciência de si mesmo. Assim, a aprendizagem está em torno de tudo o que ela se relaciona enquanto sujeito. E, ao mesmo tempo em que vai se constituindo sujeito, este o constitui. “Isso porque os aspectos construtivos têm a ver com o que se quis representar e os meios utilizados para criar diferenciações entre as representações”. (FERREIRO E TEBEROSKY 2011, p.21).

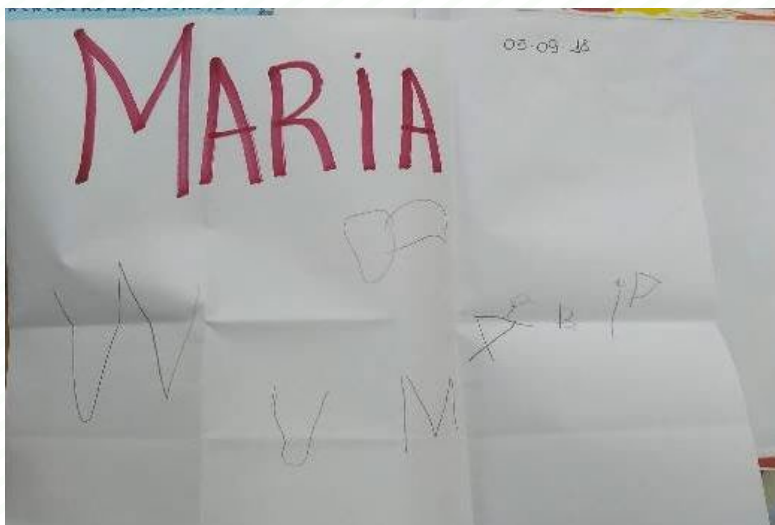


Figura 2 - Representação gráfica não figurativa



Figura 3 - Diferenciação gráfica figurativa e não figurativo

A figura 2 está relacionando a criança ao seu nome, depois de vários momentos envolvendo o nome em diversas estratégias, levando o indivíduo, em situações práticas, a referenciar o seu nome próprio, trazendo a evocação da consciência que tem sobre si mesmo com relação à escrita gráfica convencional.

Na figura 3, a criança é levada a pensar sobre a família, situando as pessoas de seu convívio mais próximo. E em ambas as atividades o

nome da criança é sempre lembrado, ao qual solicitamos sua escrita e indicamos a grafia convencional, para que a criança tenha referências que a escrita tem seus traços específicos, diferente do desenho.

Dessa forma, podemos perceber que houve uma evolução dessa escrita gráfica convencional e significado, ou seja, o sujeito consegue ao longo do percurso da aprendizagem mostrar evolução de conceito sobre a escrita, estabelecendo a diferença entre o figurativo e o não figurativo, que certamente passa a ter um significado distinto entre eles e que está em processo. Isso se deve ao trabalho significativo interdisciplinar que constituímos ao longo da pesquisa.

Observando as figuras 2 e 3, visualizamos uma evolução de tentativas de escrita que remetem à evolução conceitual de grafismo, devido ao aspecto nos traçados das letras, que mostram também que o sujeito conseguiu fazer uma conexão mental de construção conceitual de escrita, mostrando traços figurativos ao desenhar pessoas e os não figurativos ao escrever as letras de seu nome.

Além de mostrar a distinção do grafismo, a criança evidencia que percebeu a escrita da professora em identificar seu nome ao longo das práticas educativas vivenciadas, mostrando que além de reconhecer seu nome, ela estabeleceu uma relação de conceito dessa escrita. No entanto, a pesquisa deixa claro que essa atividade mostra a efetivação da consciência de si e do outro por meio da compreensão gráfica que ela estabelece na representação distinta entre o desenho e a escrita.

A criança, ao estabelecer seu desenho de família com traços, objetivando as pessoas que moram com ela, remete-nos ao significado que constrói acerca desse contexto, que é o significante, pois o conceito socialmente cultural abrangeria todos que moram e que têm relação direta, mas ao não representar todos da sua família, o sujeito também remete aos aspectos emocionais que envolvem essa construção de conceitos e que geram o seu significado próprio, que é o significante atribuído a esse signo (família).

Na escrita do nome da criança, se estabelece a mesma relação de construção conceitual, e é internalizada devido à frequência que se dá de maneira espiralada, mostrando o desenvolvimento da aprendizagem em crescimento constante pelo fato de voltarmos ao mesmo ponto de conhecimento para avançar ao nível superior de compreensão. Isso porque “suas funções e seu significado são criados, a princípio,

por uma situação objetiva, e depois pelas pessoas que circundam a criança". (VYGOTSKY 2007, p.57).

A teoria de Piaget foi uma das utilizadas na teoria psicogenética, em que se percebeu o desenvolvimento maturacional do pensamento da criança para compreender como esta pensa a escrita. Além de observar as interferências sociais nessa construção de aprendizagem, sabemos que o desenvolvimento mental piagetiano, segundo a maturação do cérebro, perpassa por quatro estágios: período sensório-motor, período pré-operatório, período das operações concretas e período das operações formais.

Diante de observações que executamos na primeira infância nos deteremos à primeira, que é o sensório-motor, e à segunda, que é o pré-operatório, sendo o primeiro estágio marcado pela inteligência prática, pela ausência de pensamento e linguagem, e o segundo período marcado pela presença inicial da organização mental que promove linguagem compreensiva, retratando organização de pensamento e que, para Ferreiro(1999), é a fase pré-silábica do processo de alfabetização que compreende de grafismos figurativos e não figurativos e o final desta etapa é a compreensão do sujeito em substituir objeto pelo nome.

A fase pré-silábica é o marco inicial que propicia um olhar observador no desenvolvimento da função semiótica, em que a mente do sujeito começa a fazer relações com práticas sociais que o envolve, no caso do desenho do final de semana, no qual as percepções do campo visual do passado e do presente estão num campo único de atenção.

Como no caso da memória e da atenção, a inclusão de signos na percepção temporal não leva a um simples alongamento da operação no tempo; mais do que isso, cria as condições para o desenvolvimento de um sistema único que inclui elementos efetivos do passado, presente e futuro. Esse sistema psicológico emergente na criança engloba, agora, duas funções: intenções e representações simbólicas das ações propositadas. (VYGOTSKY 2007, p. 28-29).

No momento de sua escrita, a criança se insere em várias dinâmicas de atividades psicológicas que são ativadas e levarão ao campo de percepção da criança, em que os centros de gravidade são deslocados

e as relações figura-fundo, alteradas. É nesse momento que a memória da criança não somente torna disponíveis fragmentos do passado como, também, transforma-se num novo método de unir elementos da experiência passada com o presente.

O momento da roda de conversa, em que falamos às crianças acerca do desenho do final de semana, torna-se crucial, pois segundo Vygotsky (2007, p. 29), “é criado com o auxílio da fala, o campo temporal para ação estende-se tanto para diante quanto para trás. A atividade futura que pode ser incluída na atividade em andamento é representada por signos”.

No grafismo, na fase do realismo fortuito, de acordo com a teoria de Luquet, as intenções provocadas pela memória fazem toda a diferença na evolução psicológica e de aprendizagem, pois a evolução crescente na grafia infantil, já demonstrada nas figuras 2 e 3, permite observar que a sucessão significativa de atividades em que a inclusão de signos é a mesma por um longo tempo, promove a aquisição gradativa na evolução da escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É na educação infantil, no período de creche, que a fase pré-silábica se apresenta por meio dos estímulos promovidos pelo meio educacional, em que o ato de escrever é introduzido, e a língua escrita como o segundo objeto cultural de conhecimento é oportunizada para a criança de forma significativa. Isso porque o conhecer a si mesmo para conhecer o outro, favorece a inserção do sujeito no meio social, prova que as formas convencionais da escrita iniciam de modo mais consciente para o indivíduo que é autor da sua própria história.

O pensamento organizado pela criança, expressado oralmente de forma compreensiva, demonstra ter adquirido as condutas da função semiótica, que possibilita ao sujeito a capacidade de diferenciar significado e significante, em que compreende a utilização do signo e lhe dar sentido social, que é o significante, estabelecendo o início da consciência linguística, constatado na diferenciação entre o desenho e a escrita, constituindo uma evolução cognitiva.

Neste estudo, a prática evidencia a proximidade do conhecimento da escrita por meio da construção de sua identidade na representação

do nome, em que ressalta a importância do nome próprio na representação do sujeito, garantindo o início da consciência linguística em aproximar a representação física de si mesmo e relacionar com o seu respectivo nome, percebendo a diferença entre o desenho e letra.

Na fase pré-silábica, as crianças passam um período de sua infância construindo a hipótese que determina o conceito de desenho e escrita. Para isso, problematizam acerca do que está a sua volta e constroem significados, até conseguirem diferenciar a produção icônica, da não icônica. Quando isso acontece, o alfabetizando chega ao conceito de diferenciação entre desenho e escrita, mas não como escrita convencional, ou seja, apenas diferencia marcas gráficas figurativas e as não figurativas, em que seu grafismo já constitui objeto e consegue perceber que desenho e escrita são distintos. Desse modo, o traçado gráfico, que representa objeto, diferencia-se do grafismo, que representa nome, apesar de ainda não distinguir letra de número.

No entanto, é a partir da diferenciação consciente do icônico e não icônico, provocada pelo nome da criança, que começaremos a transição para o segundo período dessa construção da escrita, ainda na fase pré-silábica, em que o grafismo se apresenta de modo progressivo nas variações sobre os eixos quantitativos e qualitativos, em que o alfabetizando agora se utiliza de formas convencionais da escrita no que concerne à ordenação linear.

Mas antes de chegar a essa fase em que a letra se constitui um objeto substitutivo, o alfabetizando vivencia um período de transição, em que considera as letras como objetos-em-si, para, gradativamente, passar a considerá-las como objetos-substitutos. Cabe ressaltar que esse segundo período deve ser vivenciado ainda na educação infantil, a qual sugerimos a consolidação desse. E assim podemos considerar as seguintes etapas na educação infantil:

QUADRO 3. 1ª ETAPA DA ALFABETIZAÇÃO INFANTIL

Educação Infantil	Idade	Representação do Pensamento	Etapas de Escritas	Psicogênese Fase Pré-Silábica	Teoria De Luquet Realismo Fortuito	EXEMPLO
Período De Creche I	0 a 2 anos e 11 meses	Do Balbucio à Fala Incompreensiva	Rabiscos e Garatujas	Escrita Icônica e Não-Icônica	Desenho Involuntário	
Período De Creche II	2 anos e 11 meses a 3 anos e 11 meses	Fala incompreensiva à fala compreensiva, surgindo a comunicação	Diferenciando desenho de escrita	Diferenciação Intrafigurais e Interfigurais	Desenho Voluntário	

Ao chegar essa etapa a criança entra em período que consideramos transitório, pelo fato que começa estabelecer hipóteses para adentrar no 2º período da escrita.

A relação que estabelecemos no quadro acima, considerando a 1ª etapa da alfabetização infantil, demonstra o começo do período pré-silábico relacionada a teoria da evolução do grafismo, assim, ajudamos a perceber com mais clareza a organização do pensamento da criança acerca da relação entre linguagem oral e escrita, que “no primeiro período se conseguem as duas distinções básicas que sustentarão as construções subseqüentes: a diferenciação entre as marcas gráficas figurativas e as não-figurativas”. (FERREIRO 2001, p. 19).

Através da relação entre a linguagem oral e escrita, podemos constatar por meio da teoria realista da evolução do grafismo, com a observação da oralidade da criança antes e depois da sua expressividade gráfica, que garantimos o protagonismo do sujeito, além de perceber a evolução da grafia que se estabelece a medida que a compreensão vai se dando no desenvolvimento do conhecimento, se constituindo “o saber”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação gráfica possibilita o registro dos caminhos trilhados na fase pré-silábica, abre os vários vieses na expressão e na relação do sujeito com as emoções, desejos, sentimentos e intenções, representadas no seu registro, consolidando a chegada na fase embrionária da consciência linguística, que é compreender a relação entre o registro e a vivência, além de entender que existem símbolos que representam seu nome, que é o começo da consciência fonológica.

Portanto, garantir a primeira etapa da alfabetização infantil, por meio de um currículo educacional no início da primeira infância, onde a criança estabelece uma relação com os objetos culturais e sociais, que são os conhecimentos da fala e da escrita; é oportunizar estímulos adequados ao sujeito, assegurando seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, favorecendo a consciência linguística e fonológica, possibilitando assim, sentido e efetivação de cidadania.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a Base. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental (SEF). **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. v. 3. Brasília: MEC/SEF, Centro Gráfico, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Sistema Educacional Brasileiro. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: manual do pacto. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/pacto_livreto.pdf. Acesso: 2017.

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. 5. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Alfabetização em processo**. Tradução de Sara Cunha Lima, Marisa do Nascimento Paro. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRO, Emília. A cultura escrita na Primeira Infância. *In*: FERREIRO, Emília. **Cultura escrita e educação**: conversas de Emília Ferreiro com José Antônio Castorina, Daniel Goldin e Rosa Maria Torres. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRO, Emília. A escrita... antes das letras. *In*: SINCLAIR, Hermine (org.). **A produção de notações na criança**: linguagem, números, ritmos e melodias. Tradução de Maria Lúcia F. Moro. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1990.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. Tradução de Maria Zilda da Cunha Lopes. São Paulo: Cortez, 1992.

FERREIRO, Emília. O desenvolvimento da Alfabetização: psicogênese. *In*: GOODMAN, Yeta M. (org.). **Como as crianças constroem a leitura e a escrita**: perspectivas piagetianas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 22-35.

FONSECA, Vitor da. **Cognição, Neurologia e aprendizagem**: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

GARDNER, Howard. Frames of Mind The Theory of Multiple Intelligences = Molduras da Mente: A teoria da inteligência múltipla. Copyright © 1983, 2004, 2011 by Howard Gardner. Introduction to second paper edition (tenth-anniversary edition) copyright © 1993 by Howard Gardner. Published by Basic Books, A Member of the Perseus Books Group

IAVELBERG, Rosa. **O desenho na educação infantil**. São Paulo: Melhoramentos. 2013. (Coleção: Como eu ensino).

LURIA, Alexander Romanovich. **Desenvolvimento cognitivo**: seus fundamentos culturais e sociais. Tradução de Fernando Limongeli Gurgueira. São Paulo: Ícone, 1990.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. **A psicologia da criança**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. 4. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e escrita como sistema de representação**. 2. ed. rev. amp. Porto Alegre: Penso, 2012.

REYZÁBAL, Victoria Maria. **A comunicação oral e sua didática**. Tradução de Waldo Mermelstein. Bauru: EdUSC, 1999. (Coleção Educar).

SMOLKA, Ana Luíza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fonseca, 2007. (Psicologia e Pedagogia).

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**; com introdução de Émile Jalley; Tradução Claudia Beliner; revisão técnica Izabel Galvão, - São Paulo: Martins Fontes, 2007. - (Coleção Psicologia e Pedagogia).